

“O HOMEM É MAIS DO QUE A DEFINIÇÃO QUE ELE É CAPAZ DE PRODUZIR”
Entrevista com o filósofo, escritor e professor Emmanuel Carneiro Leão
"THE MAN IS MORE THAN THE DEFINITION THAT HE IS CAPABLE TO
PRODUCE"

Interview with philosopher, author and professor Emmanuel Carneiro Leão

Por Zilda Martins¹

Do período em que estudou fora do Brasil, o pensador Emmanuel Carneiro Leão recorda-se do envolvimento acadêmico, da liberdade do aluno em escolher a disciplina que quisesse, participar dos seminários que quisesse e do rigor do exame, que podia durar um mês. Ao estudante era cobrado conhecer a matéria. Assistir ou não a aula não constituía um problema, desde que ele soubesse desenvolver as questões. Lembra que na pequena cidade de Friburgo, Alemanha, onde havia pouca diversão, os alunos aproveitavam o próprio ambiente de estudo para se divertir, mas também para estudar, debater com os colegas as leituras, as dúvidas, trocar ideias.

Carneiro Leão graduou-se pelo Pontifício Atheneo Antoniano (1959), fez mestrado pela Albert-Ludwigs-Universität Freiburg (1962) e doutorado em De Universa Philosophia – Albert-Ludwigs-Universität Freiburg (1963). Foi aluno de Heidegger, trabalhou o pensamento do autor, tanto no mestrado como no doutorado e tornou-se um dos principais teóricos e divulgadores do filósofo alemão no Brasil. Aprendeu desde cedo a pensar o próprio pensamento, ou a ausência de pensamento, que consiste, como ele diz, “na pedagogia de pensar.” Todo estímulo, afirma Carneiro Leão, “supõe a aceitação de se deixar estimular. Esta aceitação não se forma por repetição, mas já nos é sempre dada com nossa condição humana. Pertence ao vigor originário de existir.”

De volta ao país, em meados da década de 1960, Carneiro Leão vem dedicando-se ao magistério e a pesquisa, com ênfase nos temas filosofia, ética, verdade, história e pensamento. É professor titular emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professor titular da Universidade Gama Filho. É autor de mais de 16 livros, dentre eles, *Aprendendo a Pensar*, volumes I e II, além de diversos artigos e trabalhos científicos publicados. Na UFRJ, foi

¹ Doutoranda em Comunicação e Cultura do PPGCOM da ECO/UFRJ. Contato: zildamarti@yahoo.com.br

fundador e coordenador do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Escola de Comunicação – ECO, nos anos de 1968, 1978, 1988 e 1999.

Questionado sobre a nossa era, de globalização e centralidade midiática, Carneiro Leão afirma que vivemos uma fase de transição, uma crise de pensamento, que resulta em grande vazio criativo. No entanto, observa que a técnica reduz, mas ao mesmo tempo estimula. Antes e durante a entrevista, o filósofo fez questão de afirmar o quanto acredita no vigor do pensamento, que leva à autonomia e à libertação do ser humano. “O pensamento livre tem a força e o poder de transformação”, ressalta. E diz que o campo da comunicação traz em si o potencial de oferecer a base criativa do pensamento. Carneiro Leão se lembra dos tempos em que conduzia o PPGCOM da ECO/UFRJ, e oferecia aulas dialógicas.

ZM – Como nasceu o PPGCOM - Programa de Pós-graduação em Comunicação da ECO/UFRJ. O senhor poderia falar da experiência de ter sido fundador?

ECL – Nos anos 60, do século passado, a Escola de Comunicação da UFRJ nasceu do desmembramento da Faculdade Nacional de Filosofia e Ciências Humanas. Após alguns anos, foi escolhido, para Diretor, o professor José Simeão Leal, que convidou um grupo de professores, Mário Camarinha da Silva, Eduardo Portella, Paulo Amélio, Chaim Samuel Katz e outros, para organizarem um Programa de Pós-graduação em comunicação social. Ficou então estabelecido que o fenômeno da comunicação na Pós-graduação não se restringiria aos multimeios que veiculam notícias. Comunicação não se reduz a informação. Comunicar é relacionar; e o ensino da comunicação visa a fazer circular relações sociais dentro de um viés crítico e reflexivo.

ZM – Quando o senhor fundou o PPGCOM, a escola estava ancorada em que teoria?

ECL – Não tinha teoria nenhuma. Fizemos a seguinte experiência: em vez de transmitir uma teoria própria, uma explicação dada, do tipo isso é uma teoria, há outra contrária a essa, oferecendo aos alunos um cabedal de várias teorias, vamos fazer diferente: a aula vai consistir em produzir a teoria. Significa trabalhar uma temática e o que cada um sabe dessa temática. Como é que ele é capaz de explicar, de alguma maneira fundamentar esse tema. No começo era difícil, então em vez de ser um professor expositivo das teorias, colocamos quatro perspectivas diferentes para qualquer teoria, qualquer proposta que viesse a surgir durante a aula. Então colocamos o Fábio Lacombe, da psicanálise; Maria Helena, da psicologia; Muniz Sodré, da

comunicação; e eu. A turma, diante da novidade, dizia que era o Rock in Rio. Havia vários professores e todo mundo queria se inscrever no curso, daí fizemos uma seleção. A gente distribuía as teorias pelos alunos e qualquer que fosse o entendimento que eles tivessem capacidade de produzir eles traziam aquele entendimento para sala de aula e nós íamos discutir nas várias perspectivas. Era uma aula dialógica, nada expositiva.

ZM – Qual a sua melhor experiência enquanto esteve à frente do Curso de Pós-graduação da ECO?

ECL – O que é mais estimulante e mais agradável é quando você acompanha alguns representantes de uma turma e vê como eles evoluem, como eles começaram numa determinada atitude de promoção, de já saber tudo, e aos poucos começam a mudar. Isso é prazeroso para o professor, quando está vendo como aquilo vai amadurecendo. É como se fosse uma semente lançada que vai crescendo, que vai se desenvolvendo. Na verdade, é a individualidade de cada um. O perigo é não respeitar a individualidade por meio de poder, como fulano de tal não passa. Não dou a nota, não passa, mas isso é um perigo que há sempre.

ZM – E com relação a plágio, uma questão dos dias atuais, facilitada pela internet. Havia algo parecido naquela época?

ECL – Naquela época não havia esse sistema técnico, mas havia pessoas que escreviam pelos alunos. No entanto, era fácil descobrir por causa do estilo, porque essas pessoas eram aquelas que escreviam em jornal, davam entrevistas, então, ao ler o trabalho era fácil identificar o autor. Ou seja, se procurássemos, encontraríamos, só que eu nunca me interessei por isso, apenas não dava 10. Eu dava 8, 7. Se me perguntassem eu justificaria: Ora, você veio me perguntar, mas você sabe porque eu não lhe dei 10.

ZM – Quem saiu da formação da época de fundação do PPGCOM da ECO? Destaque?

ECL – Vários pesquisadores saíram da ECO. O início do curso já era Mestrado e Doutorado e eu dava aula de Filosofia e de Comunicação. Na Filosofia, os alunos que fizeram esses cursos de debates passaram em concursos para diversas universidades do Brasil. São mais de 500 alunos meus, que estão em universidades da Bahia, do Ceará, de Brasília, Pernambuco, Paraná, Rio Grande do Sul. Eles foram entusiasmados de tal maneira, que conseguiram grandes avanços. Mais importante do que o conteúdo é o entusiasmo para buscar o conteúdo. Isso é o que forma.

É o que educa. Cada um tem a sua possibilidade, ninguém é igual, mas para aproveitar a sua específica e diferente possibilidade depende do entusiasmo e do que se consegue transmitir.

ZM – Poderia falar da sua experiência enquanto aluno de Heidegger, divulgador e tradutor de sua obra? Quais as principais influências do pensamento do filósofo na sua vida?

ECL – A filosofia não influencia ninguém. Não se aprende filosofia como se aprende uma atividade. O esforço de pensar, não como, mas com os pensamentos dos pensadores, depende apenas da criatividade de cada um. Hoelderlin diz que não foram os homens que lhe ensinaram a pensar.

ZM – Quais as rupturas de Heidegger e as principais contribuições para o campo da filosofia?

ECL – Como qualquer outro pensador, Heidegger retira sua possibilidade de pensar da própria condição humana. E é por isso que todo homem pode encontrar-se com seu pensamento. Nenhum pensador dá contribuição para nada. Deixa apenas aparecer o nada em tudo.

ZM – No PPGCOM da ECO, além de fundador, o senhor foi professor de Filosofia e Comunicação. Como definiria o Campo da Comunicação?

ECL – Em contraste com a ciência, a filosofia não é uma doutrina, nem um conhecimento, uma ideologia ou visão de mundo, nem uma concepção de vida. A filosofia é uma atividade, a atividade de aprender e ensinar a pensar os conhecimentos em suas condições de possibilidade. Se o conhecimento leva o desconhecido para o âmbito claro da razão e do discurso, a filosofia faz o contrário, leva para o desconhecido e não sabido todo e qualquer conhecimento. No âmbito da filosofia a comunicação não é um campo delimitado de conhecimentos e práticas, mas o conjunto de relacionamentos e trocas de experiências entre os homens.

ZM – Podemos falar de uma epistemologia da Comunicação?

ECL – Comunicação é como se fosse uma planta que nasce num solo e esse solo é a existência humana. As possibilidades que essas condições de vida oferecem de relacionamento é fundamentalmente comunicação. Se você coloca na idade da técnica a ciência, dá um

revestimento, um discurso, uma discursividade, seja psicológica, antropológica, sociológica, artística, filosófica, seja qual for, não é o principal. O principal é chegar a esse nível de correlações, de inter-relações, construídas na base de possibilidades humanas de convivência. Por quê? Porque o princípio fundamental é que em qualquer nível de existência, a diferença de cada um vive a expensas das relações que se tem com os outros, diferentes dele, e alimenta a própria identidade e a individualidade. Significa que a diferença do outro não é uma ameaça para a minha identidade, pelo contrário, é um alimento para a minha identidade. Por isso se baseia toda e qualquer modalidade. Não importa o instrumento usado, o código, qualquer repertório de comunicação, mas a inter-relação. Existem possibilidades diferentes de indivíduos numa determinada época. Ciência da Comunicação e Comunicação não são a mesma coisa.

ZM – O que é Ciência da Comunicação, então?

ECL – Ciência é o quê? É produção de conhecimento ou é habilitação de relacionamento? Isto é, atitudes, prática? Então se a ciência é entendida como teoria, doutrina, conhecimento, ela tem que restringir-se a determinados padrões e princípios de articulação e de objetivação. Então o que significa? Que vários níveis da comunicação se perdem. De fato, não se perdem porque a ciência não muda o real. O homem tem possibilidades, a ciência pode não utilizar aquelas possibilidades, tem determinadas possibilidades que a ciência é incapaz de usar, mas desempenham, dão uma atividade decisiva e determinante. Por isso, a epistemologia refere-se apenas a um viés do relacionamento comunicativo. É aquele viés capaz de ser objetivado, de ser, de alguma maneira, controlado e cujos recursos, cujos intervenientes, não são escolhidos por essas possibilidades. Aqueles níveis que não podem ser objetivados são deixados de fora, não entram na epistemologia da comunicação. Toda definição é uma delimitação. E para a ciência tem de haver delimitações, definições. Claro que isso é também uma constante da vida humana. O homem não é tudo, tem de ser delimitado, por isso ele precisa de definição, só que o homem é mais do que a definição que ele é capaz de produzir. E esse ser mais é que dá vitalidade e criatividade no relacionamento. É uma abertura para qualquer outra possibilidade humana. No período clássico latino, tem uma famosa frase do Sêneca que diz o seguinte: “Nada de humano me é estranho.” Ou seja, a comunicação não é mais nada do que trocas de relações humanas. Essa frase de Sêneca é aplicada à comunicação, por isso a dificuldade da epistemologia de delimitar e, quando delimita, empobrece, diante da riqueza das

possibilidades humanas. Os meios de comunicação, chamados multimeios, ficam somente restritos àquele viés, aquele nível e aquelas possibilidades suscetíveis de serem controladas, processadas, veiculadas. Supõem-se, no entanto, quer queiram ou não, uma abertura e uma libertação maior dos homens, dos seres humanos. Claro que grande parte do comportamento humano é moldado por esse limite, pela pressão dos meios, mas apesar disso, fica sempre presente uma dimensão de possibilidade que se esquivava a esse processador, e isso é o que dá criatividade.

ZM - O senhor observa, em *Aprendendo a Pensar*, que “já não vivemos o tempo individual do eu, vivemos o tempo social dos eus”, ressaltando a comunidade e o comunitário como evidências. Essa pluralidade de sujeitos está relacionada a um novo modo de vida, ancorado na solidariedade, ou seria uma espécie de “contrato social” para a sobrevivência?

ECL - Toda pluralidade entre homens vive da força de diferenciação das diferenças de cada um. Toda existência já é em si mesma um destino comum em que a diferença de cada indivíduo é indispensável para a identidade de todos.

ZM - Vivemos numa sociedade partida, em que de um lado estão os que tudo podem e do outro estão os Outros, aqueles a quem são negados voz e lugar, como os indígenas, os negros, os homossexuais, os portadores de deficiência, as minorias. E quando essas minorias aparecem causam estranhamento, rejeição, racismo. Qual o desafio de pensar hoje uma sociedade mais equânime, menos desigual?

ECL - A filosofia não é um setor ou campo de estudo. A filosofia é desafio de realização e não realização em todo e qualquer campo ou setor do desempenho humano. É o que nos lembra um pequeno poema de um místico de século XVII: “A rosa é sem porquê. Floresce ao florescer. Não olha para si mesma, nem pergunta se alguém a vê”.

ZM - Pensando no campo da Comunicação, em comparação à Filosofia, ambos relacionados às ciências sociais, portanto, atrelados às relações humanas, mas também às normas e teorias. Há espaço criativo, apesar do enquadramento?

ECL - Qualquer que seja a teoria, qualquer que seja o endereçamento metodológico, epistemológico, filosófico, é sempre uma limitação, um empobrecimento, comparado com a

riqueza criativa do comportamento humano. Isto é, nenhuma teoria, nenhuma doutrina ou instrumentação é capaz de exaurir o cabedal das condições de troca, de emissão e de recepção constitutivas do viver humano. Por isso, sempre no manuseio, no conhecimento e na aprendizagem dessas teorias deve-se ter consciência de que se vai defrontar com delimitações.

ZM – Como fugir das normas e padrões impostos por agências de fomento à pesquisa, que exigem altas produções, enquadradas num modelo de fazer ciência?

ECL – Não há possibilidade de fuga, porque o CNPq adota uma tática de distribuição de conhecimento, de pesquisa ou de curso dentro desse padrão delimitador. Então se o indivíduo apresenta um projeto que questiona essas delimitações, o CNPq não aceita, não financia. O financiamento é o meio de controle, de exercício de poder da cultura humana. Por que o CNPq tem essa política, ou esse padrão? Porque a instituição está ligada a interesses de produção da sociedade, está sintonizada nisso, senão, em última instância, não será reconhecida, nem receberá recursos. Isso é o grande desafio, mas também a grande limitação da nossa época. Cada vez mais se desenvolveram instrumentos, recursos, meios de elaborar, uniformemente, um padrão de cultura, de conhecimento; tudo que sair fora desse padrão é recusado como não científico, inútil, dotado por uma característica de ideologia, como se a ciência não fosse a grande ideologia. O que é a ideologia? No âmbito da ciência dos fenômenos naturais, dos fenômenos físicos há uma tecnologia, que é um procedimento de processadores desses fenômenos físicos. A ideologia é a mesma coisa, só que com fenômenos humanos e sociais. Significa que a tecnologia dos fenômenos sociais é a ideologia. É o que faz o mesmo processador com outros recursos, com outros níveis, com outros meios.

ZM – O que garante a cientificidade de um trabalho, considerando as amarras técnicas e mesmo a fluidez do campo da Comunicação?

ECL – Nada garante. Os critérios e os parâmetros científicos estão fora do fenômeno comunicação. Vêm de fora, querendo se impor, então lançam mão dos meios eletrônicos, da ilusão do poder, mas nada disso garante, numa perspectiva histórica, ter o sucesso que prometem. O que se produz nem sempre coincide com aquilo que se quer que se produza. Porque cada produto é ele mais o diferente dele. Exemplo, um produto qualquer, um creme de beleza, não é o creme. O creme está existindo nele, mas não vai controlar a beleza. Uma vez, diante de uma tese na Bahia, um candidato de doutorado falava que os meios eletrônicos de

comunicação abriam possibilidades que a experiência humana não conhecia. E deu o seguinte exemplo: eletronicamente, você pode criar uma mulher tão perfeita que todo mundo ficará encantado por ela. Ele tem razão, é possível criar, mas o indivíduo não vai para a cama com ela, vai com a outra, a real. Não com essa que a veiculação estabeleceu com todos os seus recursos, querendo desenvolver os valores do feminino, do atraente. Então é o seguinte: se, na sociedade, o crime não compensa, na comunicação, o crime compensa, porque vai render determinados poderes, sejam de lucro, de influência, de manipulação. O crime sempre compensa.

ZM – Juremir Machado diz que o campo da comunicação está endurecendo contra a produção de ensaio, alegando não ser ciência. Ele questiona que os grandes trabalhos científicos têm como base ensaios produzidos por pesquisadores estrangeiros. Como o senhor vê essa crítica?

ECL – É mesmo uma contradição. O que é Ciência? Ciência não é mais nada do que um ensaio que se mostrou dotado de uma capacidade de abertura, de abrir novas possibilidades, de abrir dimensões, e sem ensaio não há isso. A ciência depende do ensaio.

ZM – Com relação à história das teorias da comunicação, considerando as diversas escolas, como o senhor avalia a comunicação hoje? As correntes teóricas ainda dão conta da contemporaneidade ou é preciso repensar novas teorias, novas escolas?

ECL – Houve um tempo em que se buscava fazer o seguinte controle. Psicologicamente, se estabeleceu o seguinte: o que é uma imagem do cinema? Fisicamente é a repetição de unidade que compõe a figura, compõe o perfil da pessoa, ou da situação, do ambiente o que for. Então aquela tomada repete por quinze segundos cem vezes, o que resulta em movimento. Mas dá movimento porque a percepção do indivíduo não consegue separar esse ritmo tão acelerado de multiplicação, dando a impressão de que a pessoa está se movendo. Isso acontece em todos os níveis. Então fizeram a seguinte tentativa: em cada 14 repetições de desenho animado, arranjaram somente treze e colocaram, no lugar da que foi retirada, uma propaganda - Coma amendoim. Só que a pessoa não vê. Passa o filme e ninguém vê a mensagem repetida a cada doze segundos, mas o cérebro registra. Fizeram testes e depois de duas horas do filme, era um filme de época que não tinha nada a ver com comida, todo o amendoim que estava sendo vendido acabou rapidamente. A influência inconsciente, abaixo do limiar de percepção, foi determinante. Então, eles disseram: temos em mãos um instrumento de controle das vontades.

Isso aconteceu nesse caso, nos Estados Unidos, mas começaram a multiplicar a experiência e já não dava mais resultado, porque furou a informação, saiu a notícia de que havia esse teste, então as pessoas já não seguiam mais. A consciência prevalece sobre as repetições abaixo do limiar. Com o tempo é que vai-se dar conta, mas as informações abaixo do limiar estão sujeitas a uma recusa, uma transformação, uma rejeição, uma das possibilidades humanas da liberdade, porque liberdade não é escolher só entre as alternativas, mas é libertar-se. O indivíduo só escolhe a alternativa depois que se libertou.

ZM – Muniz Sodré diz que os estudos da comunicação se fecharam no jargão acadêmico, perdendo de vista a compreensão histórica. O senhor concorda?

ECL – Concordo. A história também tem as suas alavancas de possibilidades. É como se fosse uma planta que estivesse germinando. Só que a história, mais do que a planta, vai além dos padrões vegetais e animais de vitalidade. A história é a dinâmica mais criadora e profunda que a realidade criou. Claro que ela também tem os seus limites. Não se pode reduzir tudo à história, porque esta também depende da biologia humana, das condições físicas do meio. Ninguém pode viver no sol. Isso não é possível. Portanto, há delimitações para a dinâmica de viver dentro da estrela errante da terra. Essa possibilidade de transformação criadora da história é constitutiva da vida humana. Na academia, a utilização da instrumentação técnica restringe e delimita, assim como um instrumental técnico microeletrônico, no qual está concentrado todo o perfil de criatividade tecnológica de vida acadêmica de um tempo. Aplicou-se ali e para isso teve que se restringir para funcionar. Na educação, usam-se meios eletrônicos. A suposição é que as possibilidades de evolução do indivíduo humano podem ser elaboradas e encaminhadas numa determinada direção. As outras possibilidades que não se encaixam nesse direcionamento ficam fora e isso cria problema para a vida do indivíduo e para a vida social. A questão é que os problemas históricos e sociais têm um tempo muito mais amplo do que o imediato. Se alguém produz um conhecimento de destruição não vai explodir na mão de quem produz, mas na mão de outras gerações. Isso é outra dinâmica própria dos fenômenos históricos, que tem uma duração que ninguém pode acelerar nem retardar. Ele tem seu próprio andamento, tanto no sentido destrutivo/negativo, como no sentido positivo/constructivo. Exemplo: saiu uma notícia no jornal de que um representante dos Estados Unidos na Líbia foi assassinado. E por que ele foi assassinado? Porque o povo revoltou-se contra a divulgação de um filme negativo aos muçulmanos. Como alguém vai à terra do outro apresentar um filme

contra ele? Isso é provocação. O argumento é que é liberdade de imprensa. Liberdade para quem? Pode ser liberdade de imprensa na América, no Ocidente. Nessas comunidades, a conversa é outra. Elas têm um tempo próprio de transformação, de mudanças. Sempre foi assim. Não pode ser de imediato. É preciso respeitar isso. Houve um tempo em que o europeu tinha esse tipo de comportamento. A inquisição é um exemplo. O poder está sempre em causa em qualquer nível histórico de realização cultural e social.

ZM – Como desenvolver a visão crítica de estudantes de comunicação que irão trabalhar com a grande mídia e interferir nas relações sociais?

ECL – Minha experiência diz que nos primeiros anos não adianta abordar isso. O que precisa é transmitir outra coisa, desenvolver os meios e as condições que futuramente podem ser usados como libertação. Porque, no início, o não às críticas não se apresenta assim. É importante dar força a isso, para aos poucos ir amadurecendo, ir crescendo, ir se desenvolvendo até chegar a um momento que explode. Que condições são essas? Primeiro, é preciso desenvolver uma atitude de, ao mesmo tempo, identificar e perceber o que se recebe e se critica, os limites do que se recebe. O que é crítica? Crítica não é mais nada do que perceber os limites daquilo que se recebe. Se alguém começa a falar isso no primeiro ano de universidade não vai obter resultado, porque o feitiço, a atração dos meios eletrônicos é tão grande que os alunos nem vão entender. Eles vão questionar o que isso lhe facilitaria o trabalho, considerando as muitas ofertas da mídia. Há muitos exemplos de facilitação, como softwares em que se pega um texto de Shakespeare em inglês e o programa escreve aquele mesmo texto de outra maneira. Só conhecendo muito o autor é que se vai identificar que aquele texto é tirado do original. Para o estudante esse programa é uma mão na roda. Ele resolve qualquer problema de desempenho de faculdade sem nenhum sacrifício. Com isso, os alunos não precisam fazer pesquisa, quem faz é o software. Basta instruir com recursos, com informações cada vez maiores. Por esse motivo, há na comunicação a necessidade, desde o início, de se acentuar a diferença entre comunicar e informar. Comunicar não é informar. A informação supõe a comunicação, mas não dá a comunicação. Por isso é que todas essas conquistas são uma faca de dois gumes, castram e ao mesmo tempo vitalizam. E a questão é saber qual a linha que separa as duas coisas. Claro que não se pode ficar apenas de um lado, é impossível.

ZM – Podemos confirmar o domínio do mercado frente às relações humanas?

ECL – A teoria se aplica ao que está acontecendo, mas não é tudo o que está acontecendo. Por entre ela, abaixo dela, operam forças, possibilidades que não se deixam enquadrar, nem manipular pelo mercado. Observe o mercado de arte hoje em dia. O que é o mercado de arte? Só para ficar nas artes plásticas. Suponhamos que diante de um pintor antigo, Van Gogh, por exemplo, e uma pintura de hoje, a maneira do apelo de possibilidades humanas é totalmente diferente. Quando se vê um quadro de Van Gogh ou de qualquer outro clássico sente-se que ali está pulsando a vida humana, a sua vida. Esse sentimento são possibilidades que dentro de você começam a medrar, começam a inquietar e que não encontrariam hora e vez, diante de uma obra atual. Só que o mercado fez com que essas obras ficassem dependendo da mobilização, da instrumentação e divulgação, do *marchand*, das galerias, pela televisão, que é um meio de penetração maior. No entanto, você vê um filme sobre pintura clássica, vê um depois do outro, não pára para perguntar qual a possibilidade de vida que hoje esse quadro traz? O ritmo de sucessão fica de tal maneira que isso se torna impossível, inviabilizando a capacidade de acompanhamento. É preciso um tempo. Não só um tempo cronológico. Exibir um quadro durante dez horas, não adianta. Não é esse o tempo. Por isso esse negócio do mercado e do ritmo é lucro. A ordem é investir numa produção para produzir mais, lucrar mais. Esse lucro é investido de novo. O ideal é produzir mais para lucrar mais. É um parafuso sem fim. Houve uma mudança nominal pelo mercado, que desenvolveu o lucro como valor. Com isso, o mercado quer conquistar todos para os seus valores, ou seja, para o consumo, que gera lucro. Para isso, funciona a qualquer preço, independente dos meios usados que levem à compra. O valor dá uma deformação nas escolhas, no julgamento de escolha dos indivíduos no grande número, mas estes ficam infelizes, porque os outros valores humanos não se desenvolvem.

ZM – Na apresentação do livro *Introdução à metafísica*, de Heidegger, o senhor diz que “Heráclito e Parmênides, Platão e Aristóteles, São Tomás e Descartes, Kant e Hegel, Marx e Nietzsche estão presentes [...] no cérebro eletrônico, do qual depende hoje a segurança do Capitalismo e do Socialismo.” Como assim? O senhor está dizendo que a filosofia fundamenta as práticas de poder, independentes do tempo histórico e ideológico?

ECL – A filosofia não serve para coisa alguma. Não é senão a simples experiência de viver e morrer a cada instante na famosa definição de Platão. Porque morreremos um dia, morremos cada dia a todo instante de vida.

ZM – Nesta mesma obra, o senhor afirma que “pensar não é saber. É não saber. Quando se pensa, não se pretende saber, quando se pretende saber, não se pensa.” O que é isso? E como se aplica essa hipótese na produção do conhecimento?

ECL – Se já se soubesse tudo de tudo, não haveria a necessidade de pensar e conhecer. Se não se soubesse nada de nada, não seria possível nem conhecer, nem saber.

ZM – Na introdução do livro *Ser e Verdade*, de Heidegger, o autor aborda a questão fundamental da filosofia, questiona sua aplicação e desconstrói conceitos dizendo o que a filosofia não é. O senhor poderia explicar?

ECL – A divisão temporal em séculos ou épocas não é histórica. Na História, se dá a vigência de toda a história em toda história. O vigor de ser e não ser se dá tanto na presença quanto na ausência.

ZM – A mídia está na fronteira entre o acontecimento e o fato, gerando narrativa. Como o senhor percebe a relação entre pensamento e práxis, verdade e simulacro?

ECL – As diferenças entre fato e feito são sempre relativas e derivam de um rigor criativo da própria sociedade. A tentação de toda tecnologia procura multiplicar os vagões para dispensar a locomotiva. Equivaleria ao empenho de olhar tudo e não ver nada. Não existe separação entre pensamento e práxis, mas uma relação de recíproca constituição entre ambos. Pretender separá-los equivale ao esforço de comprar todos os números de uma edição de jornal para verificar a veracidade de uma notícia. Com esse desenvolvimento tecnológico se deu o chamado jornalismo investigativo. O que é isso? Suponhamos que um repórter ou os vários agentes desse jornalismo vai investigar um determinado fenômeno ligado ao crime. A atitude da comunicação desse jornalismo investigativo considera o resultado obtido coisa julgada, o que significa o máximo valor, verdade absoluta. Se oficialmente o tribunal não chegar a nenhuma conclusão, o jornalista cobra do tribunal, porque acha que o resultado da investigação dele é que é a verdade. É como se alguém dissesse para multiplicar as incompetências da competência. Não dá. Comparando: é como alguém que está esperando uma notícia. Acorda de manhã e aquela notícia poderia ser a esperada, mas também poderia ser o contrário. Ao ler o jornal, o indivíduo encontra a notícia como esperava. Mas imediatamente vem a dúvida: e se não for verdade? Um jeito de saber se é verdade ou não é sair e comprar a edição do dia dos jornais para ver se todo mundo confirma. Se estiver em todos os jornais,

então é verdade. Essa homogeneização da notícia é um desvalor educativo e social. A pretensão do jornalismo investigativo de suas conclusões terem valor de coisa julgada depõe contra a cegueira do investigador e denuncia uma vontade de controle e dominação dos fatos.

ZM – E com relação à imediatez da mídia digital – de audiência, de ferramentas, interação e produção de notícias. Qual o impacto da sociedade em rede para as relações socioculturais e as políticas econômicas?

ECL – Os multimeios inseridos em rede supõem uma experiência social de criação de valores. A sociedade em rede não é ponto de partida para a criatividade humana. Ao contrário, é ponto de chegada.

ZM – Como assim? É possível repensar a comunicação de uma forma mais reflexiva?

ECL – Possível é, mas não dá para essa reflexão ser veiculada nos multimeios eletrônicos, porque a reflexão é sempre algum desempenho singular, individual de cada um. Ninguém pode pensar pelo outro. Só ele pode pensar por ele mesmo. No máximo, eu posso criar condições para que o outro assuma as possibilidades de pensar que tem e que ninguém pode fazer por ele. A dificuldade está aí. O ideal da formação, da educação é levar as pessoas a aproveitarem as possibilidades singulares que cada uma tem. É claro que isso representa um perigo para o *establishment*. Mas é um perigo que sempre houve, é histórico. Foi justamente a vitalidade desse perigo que criou novidade, que abriu outras possibilidades. Qual foi a resistência que o desenvolvimento, seja da ciência, seja das artes, ou da vida social e padrões de comportamento, sofreu quando a sociedade ou a história abriu novos caminhos? São caminhos que dão novas dimensões de interrogação. Claro que o *establishment* faz tudo para isso não acontecer, porque se sente ameaçado, se sente perdendo poder, então há um risco. Vida representa sempre risco. A comunicação seria uma arena de disputa, da qual sobrevive quem consegue, de alguma maneira, abrir novas possibilidades. Essa arena é que vai decidir qual o destino futuro da história, não o imediato.

ZM – Quais os limites entre os valores éticos e a sociedade midiaticizada, impregnada pela técnica e pela eficácia em uma esfera globalizada?

ECL – A ética é uma questão de criatividade e não de repetição de multimeios. Porque a ética não aceita coação de espécie alguma. O valor ético provém de autonomia, da autonomia de uma libertação.

Referências:

CARNEIRO LEÃO, Emmanuel. *Aprendendo a pensar II*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. Itinerário do Pensamento de Heidegger. In: *Introdução à Metafísica*. Tradução: Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1999.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Verdade*. Tradução: Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007.

SILVA, Juremir Machado da. *O que pesquisar quer dizer: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2011.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

_____. *Anotações de aula do PPGCOM/ECO/UFRJ*. Rio de Janeiro, 2012.